

RESENHA

José Horta Nunes
LABEURB - UNICAMP

Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Editora Melhoramentos, São Paulo, 1998, 2.259 páginas.

O *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* aparece com uma nova cara, um novo nome, uma nova apresentação. Ao lado do *Aurélio - Dicionário da Língua Portuguesa* nas livrarias, e com um formato semelhante, ele desponta como uma opção para o leitor. Trata-se de um novo projeto de dicionário? O que há de novo e o que retorna nessa edição? Na verdade, o *Michaelis* consiste em uma retomada de edições anteriores da Melhoramentos (*Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado*, 1969; *Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, 1975), com acréscimos e modificações. Ele conta com 201.174 verbetes, ao passo que o *Aurélio* com aproximadamente 125.000.

A análise de um dicionário desse porte não é tarefa pequena. Seria preciso um exame abrangente e detalhado da obra para melhor situá-la em relação a outros dicionários e ao saber lexicográfico, já que cada verbete apresenta sua singularidade. Não pretendemos realizar essa tarefa. Podemos, no entanto, tecer alguns comentários sobre a apresentação do dicionário e analisar alguns verbetes, comparando-os com seus pares no *Aurélio*. Para realizar a confrontação, selecionamos verbetes tirados da letra P. Esse procedimento permite que, a partir de uma amostragem de verbetes, cobrindo qualquer domínio temático da nomenclatura, se explicitem elementos da estrutura do dicionário.

Faz falta um prefácio que esclareça as diretrizes da obra, as escolhas teóricas e práticas, a imagem da língua que se visa dicionarizar. Os prefácios são um gênero importante na história da lexicografia. Eles constituem lugares de reflexão metalingüística sobre o léxico, fazendo com que o dicionário não consista apenas em um conjunto de itens lexicais com definições, mas configure um discurso explicitado sobre a língua. Geralmente,

nos prefácios os lexicógrafos se posicionam diante de questões como: o público visado, o recorte histórico, a nomenclatura, o sistema de remissões, as citações, os exemplos, entre outras. Nesta edição do *Michaelis*, temos somente uma breve apresentação dos editores, de modo que questões como as mencionadas, quando tocadas, recebem um tratamento bastante superficial.

Na apresentação, o lugar do lexicógrafo fica pouco visível. Indicam-se os nomes da nova equipe (tendo como organizador Clóvis Osvaldo Gregorim), distinta das equipes anteriores, enquanto que a autoria do dicionário é enunciada pelos editores. É interessante notar que o nome da língua não aparece no prefácio; mencionam-se somente as expressões “nossa língua”, “língua padrão”, “língua escrita/oral”. Ao invés de uma especificação da língua, aparecem expressões adjetivadas como “grande e imprescindível obra de referência”, “dicionários de qualidade”. A questão do nome da língua tornou-se controversa no contexto brasileiro, já que falar disso implicaria tocar na diferença entre o português do Brasil e o português de Portugal ou dos outros países de língua portuguesa. L. F. Dias¹ mostra como nas décadas de 30 e 40 de nosso século travou-se uma disputa parlamentar para se decidir sobre o nome da língua (*língua portuguesa* ou *língua brasileira*), tendo vencido os que defenderam o nome “língua portuguesa”. Com a adoção desse nome como oficial, há sentidos que ficaram silenciados na história, e a ausência de nomeação da língua nos prefácios parece confirmar esse fato. O mesmo pode-se dizer a respeito do *Aurélio*, que também não traz no prefácio o nome da língua, mas apenas as expressões “língua viva”, “língua dos escritores”, “língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão”, “falar do povo”, “línguas diversoras”.

Quanto à nomenclatura, o *Michaelis* realiza uma atualização que, de início, é remetida ao princípio quantitativo de exaustividade: “registrar o maior número possível de vocábulos”, o que é pouco elucidativo. Depois, salienta-se o aparecimento de novas palavras, de neologismos: “Especial ênfase foi dada ao registro de novas palavras que surgiram com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia, além da inclusão dos neologismos da linguagem padrão, dos regionalismos, da gíria e do baixo calão”. Dentre as novas acepções, salienta-se o campo da informática, com a inclusão de termos como *deletar* ou *mouse* e a atualização de termos como *pacote*, *painel* etc. Percebe-se que as ciências e a tecnologia são contempladas, enquanto a literatura, outra fonte usual do lexicógrafo, não é mencionada.

Registre-se ainda que nada se diz sobre o horizonte de retrospectiva do dicionário, quer dizer, sobre o recorte histórico que delimita o vocabulário incorporado e indica o que é deixado de lado; o adjetivo “moderno” presente no título, por exemplo, corresponderia a quais limites temporais, a que seleções bibliográficas ?

Se, por um lado, as opções práticas com que o lexicógrafo tem de se confrontar não são explicitadas, por outro, aparecem enunciados normativos como o “uso correto”. Quase nada é dito a propósito dos exemplos, a não ser que se tratam de “frases elucidativas”. Quanto aos autores citados, eles não são especificados; não se menciona, por exemplo, se são clássicos ou contemporâneos, mas somente que são “autores famosos”. Tampouco se inclui lista das obras utilizadas.

A imagem que prevalece é a de um leitor estudante em busca do conhecimento e do “uso correto” da língua: “[o dicionário] renova as possibilidades de estudo, conhecimento e uso correto de nossa língua”. Essa imagem de aprendiz é consolidada com uma inovação do dicionário: as entradas apresentam as palavras grafadas com separação de sílabas, o que pressupõe um leitor que pode não saber como separá-las. Deste modo, a *Melhoramentos* formula um discurso que vai em direção ao público estudante, conformando a imagem do dicionário enquanto um instrumento didático. A separação de sílabas é um indício também da preocupação com a escrita. Nota-se, por outro lado, que tanto o *Michaelis* como o *Aurélio* não trazem transcrição fonética dos termos, deixando-se de lado assim a representação do oral.

No aspecto gráfico, o texto mostra uma aparência “limpa”, com poucos sinais de pontuação, como pontos e vírgulas. Com exceção das entradas, que, com a separação de sílabas, tornam-se mais difíceis de ler, os verbetes se apresentam com uma escrita que permite ao olhar correr pelas marcações e definições sem se demorar nas pontuações e nos excessos de signos gráficos.

Vejam como o verbete *pábulo* aparece no *Aurélio*, em seguida no *Novo Dicionário Melhoramentos* (1969) e depois no *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998) :

Pábulo. [Do lat. *pabulu.*] *S. m. 1.* Pasto ; sustento : “Sob o pudor da morte os membros seus inermes/Têm de ser fatalmente o pábulo dos ver-

mes / Frios e roedores...” (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 179.) 2. *Fig.* Aquilo que serve de motivo ou assunto a motejo ou à maledicência. 3. *Bras.* Indivíduo presumido ; gabarola, gabola, fátuo. V. *fanfarrão*. =Adj. 4. Presumido, gabola, fátuo. V. *fanfarrão*. [Cf. *pabulo*. Do v. *pabular*.]

pábul, s. m. (l. *pabulu*). 1. *Ant.* Pasto, sustento. 2. Assunto, motivo para escárnio ou maledicência. Adj. *Reg* (R. G. do Sul). Gabarola, impostor, pedante, prosa.

pá.bu.lo *sm* (lat *pabulu*) 1 *ant* Pasto, sustento. 2 Assunto, motivo para escárnio ou maledicência. Adj *Reg* (Rio Grande do Sul) Gabarola, impostor, pedante, prosa.

Vê-se que o *Michaelis* retoma o verbete presente na edição de 1969, mantendo as definições e modificando apenas a grafia, deixando-a mais livre de pontos e abreviações. O *Aurélio*, por sua vez, apresenta algumas diferenças: além de mais signos gráficos, apresenta exemplo literário, remissões (V. *fanfarrão*) e variações (Cf. *pabulo*. Do v. *pabular*). Pode-se ver que os dicionários da Melhoramentos marcam esse verbete como *antigo*, enquanto que o *Aurélio* não apresenta marcação temporal. E ainda neste último marca-se um dos sentidos como *brasileirismo*, enquanto que no primeiro ele é marcado como *regionalismo*.

O exame de um conjunto de verbetes permite dizer que essas diferenças constituem uma regularidade. O *Aurélio* usa mais exemplos em geral, especialmente os literários. Além disso, inclui com frequência a marca de *brasileirismo*, fazendo a diferença do português brasileiro com o português de Portugal. Por seu lado, o *Michaelis* restringe os exemplos literários e, quanto aos *brasileirismos*, evita-os, marcando a diferenciação como interna ao território brasileiro, ou seja, como um *regionalismo*. Essa marcação constitui um ponto polêmico na lexicografia brasileira. A noção de *brasileirismo* serviu na segunda metade do século XIX para diferenciar o léxico brasileiro do léxico português. Nos dicionários de língua portuguesa, começou-se a incluí-los e a marcá-los. Nas décadas de 20 e 30 deste século, Laudelino Freire propunha, no projeto de um dicionário da Academia Brasileira de Letras, que não se marcassem os *brasileirismos*, já que a língua a ser dicionarizada era a falada no Brasil. Foi um dos motivos, como nota Josué Montello², do rompimento de Laudelino Freire com a Academia Brasileira. Freire publicou seu dicionário sem o apoio da Academia e sem a marcação dos *brasileirismos*. O dicionário da Melhoramentos, no geral, também

segue esse procedimento, ao passo que o *Aurélio* mantém a marcação.

Muitas vezes, as definições do *Michaelis* são mais concisas que as do *Aurélio*. Podemos ver isso no verbete *pacarana* :

Pacarana. [De *paca+rana*.] *S.f. Bras.* Mamífero roedor, da família dos dinomídeos (*Dinomys branckii* Pet.), conhecido na região do rio Juruá e no Peru, Equador e Colômbia. Muito parecido à paca, tem cauda curta, vibrissas nasais e muito longas, e listras brancas do corpo maiores e mais destacadas que as daquela.

pa.ca.ra.na *sf* (*paca+tupi rána*, parecido) *Zool* Mamífero roedor (*Dinomys branckii*), muito semelhante à paca.

O *Michaelis* contenta-se com uma definição breve, enquanto o *Aurélio* fornece mais elementos enciclopédicos e especificações. Note-se a marcação: no *Aurélio*, marca-se o brasileiro, enquanto que no *Michaelis* marca-se o domínio da zoologia, privilegiando-se a indicação do domínio de especialidade. Assim, ao invés de se reproduzir na definição o discurso do especialista, remete-se a ele através da marcação de uso. Nesse sentido, o *Michaelis* objetiva antes a definição do uso do que a da coisa. No verbete *papagaio*, enquanto o *Aurélio* se estende na descrição naturalista dos gêneros e espécies, o *Michaelis* introduz uma voz comum de avaliação do uso (“famosa pela facilidade com que imita a voz humana”), Igualmente, ao se definir a *paineira*, enquanto o *Aurélio* detém-se demoradamente na especificação das propriedades físicas do objeto (“peculiar às matas, provida de grandes acúleos no grosso tronco, folhas digitadas e enormes flores róseas, altamente ornamentais, e cujos frutos fornecem a paina”), o *Michaelis* vai direto ao valor de uso, introduzindo um sujeito avaliador: (“estimada pela paina que produz e pela beleza e abundância de suas flores”). De um lado, no *Aurélio*, o mundo das propriedades naturais do objeto: a natureza servindo ao homem; de outro, no *Michaelis*, o sujeito que observa e avalia esse mundo naturalizado.

A perspectiva mais concisa aparece também na organização dos verbetes. Em vários casos, nota-se que o *Michaelis* agrupa nomes compostos, que no *Aurélio* constituem verbetes separados, no mesmo verbete. É o caso de *paina*. O primeiro abre novo verbete para *paina-cipó*, *paina-de-arbus-to*, *paina-de-penas*, *paina-de-santa-bárbara*, *paina-de-seda*, *paina-do-arpoador*, *paina-do-campo*, com suas respectivas definições, ao passo que o segundo reúne todos esses compostos no mesmo verbete *paina*, com de-

finições bem abreviadas. O mesmo acontece com *pacu*, *palmito*, *pau*, entre outros.

Uma grande diferença entre os dois dicionários pode ser observada no uso de exemplos. O *Aurélio*, de modo geral, apresenta mais exemplos, tanto de citações literárias quanto na formade colocações, frases feitas, frases elaboradas. Vejamos os verbetes *painel* e *paixão*:

Aurélio	Michaelis
<p>Painel. [Do esp. <i>painel</i>] <i>S. m.</i> 1. V. <i>Quadro</i> (4): “Na sala de jantar, um pouco sombria, ...esucrecida ainda por dois antigos painéis de paisagem tristonha, a mesa oval ressaltava alva e fresca” (Eça de Queirós, <i>Os Maias</i>, II, p. 73). 2. Almofada de portas ou janelas. 3. Relevo arquitetônico em feitto de moldura, sobre um plano. 4. Qualquer obra artística ou decorativa que recobre uma parede ou parte dela: <i>painel fotográfico</i>; <i>painel de mosaico</i>. 5. Tabique móvel ou fixo usado em museus ou salas de exposição. 6. A parte visível das fechaduras não embutidas na espessura das portas. 7. Quadro (6) onde se encontram os instrumentos de controle de uma instalação ou de um motor: <i>o painel de um avião</i>; <i>o painel de uma rede elétrica</i>; <i>O painel dos automóveis está localizado abaixo do pára-brisa</i>. 8. Quadro onde se penduram chaves, fer-</p>	<p>pai.nel <i>sm</i> (<i>provençal panel</i>) 1 Pintura feita sobre tela, madeira etc.; quadro, retábulo. 2 Em propaganda, anúncio pintado ou disposto sobre chapas de ferro, lonas, ou madeira, montadas em estrutura de madeira ou sobre paredes de edifícios. 3 <i>Arquit</i> Almofada nas vergas de janelas e portas. 4 <i>Escult</i> Baixo-relevo num monumento, e a parte emoldurada dele. 5 Estante em que alguns operários guardam as ferramentas. 6 <i>fig</i> Cena, espetáculo. 7 Chapa exterior das fechaduras. 8 <i>Náut</i> Conjunto dos panos que formam as velas dos navios. 9 Tipo de reunião para debates de certo assunto. <i>P. das almas</i>: a) pintura que representa as almas do purgatório; b) <i>pop</i>: estafermo, molengão, paspalhão. <i>P. de controle, Inform</i>: a) conjunto de chaves de controle de um sistema de computação e indicadores de estado; b) em certos sistemas operacionais, utilitário que</p>

<p>ramentas, etc. 9. <i>Fig.</i> Visão, quadro, panorama: <i>A Dolce Vita, de Fellini, é um painel de mortandade.</i> [Pl. : <i>painéis.</i>]</p>	<p>exibe as opções definidas pelo usuário, como teclado, código de país e tipo de <i>mouse</i>. <i>P. de ligações, Eletrôn:</i> conjunto de Terminais elétricos que podem ser interconectados através de cabos curtos, permitindo reconfiguração rápida e simples de uma rede. <i>P. traseiro, Inform:</i> Painel na parte de trás de um computador que normalmente suporta os conectores para periféricos, como teclado, impressora, unidade de vídeo e <i>mouse</i>. <i>Painéis de sinalização, Mil:</i> pedaços de pano de formas diversas que permitem assegurar a ligação entre uma tropa em terra e a aviação ou, eventualmente, entre aquela e observatórios elevados.</p>
<p>Paixão. [Do lat. <i>passione.</i>] <i>S. f.</i> do-se à lucidez e à razão: <i>Deixou-se vencer pela paixão; Resistiu à paixão.</i> 2. Amor ardente; inclinação afetiva e sensual intensa: <i>A paixão entre Romeu e Julieta nasceu de um rápido encontro.</i> 3. Afeto dominador e cego; obsessão: <i>A paixão pela filha imedia-o de ver as boas qualidades do futuro genro.</i> 4. Entusiasmo muito vivo por alguma coisa: <i>Dedicava-se ao aerodelismo com paixão; Colecionava com verdadeira paixão moedas do período colonial.</i> 5. Atividade, hábito ou vício dominador: <i>a paixão da política, da maledicência, do jogo.</i> 6. O objeto da paixão (2, 3, 4 e 5): <i>Ana Amélia</i></p>	<p>paixão <i>sf (lat passione)</i> 1 Sentimento forte, como o amor, o ódio etc. 2 Movimento impetuoso da alma para o bem ou para o mal. 3 Mais comumente paixão designa amor, atração de um sexo pelo outro. 4 Gosto muito vivo, acentuada predileção por alguma coisa. 5 A coisa, o objeto dessa predileção. 6 Parcialidade, prevenção pró ou contra alguma coisa. 7 Desgosto, mágoa, sofrimento prolongado. 8 Os tormentos padecidos por Cristo ou pelos mártires.</p>

foi a grande paixão de Gonçalves Dias. 7. Desgosto, mágoa, sofrimento: *A paixão causada pela morte da mulher quase o levou à loucura.* 8. Arrebatamento, cólera: *No auge da paixão destruiu quanto estava a seu alcance.* 9. Disposição contrária ou favorável a alguma coisa, e que ultrapassa os limites da lógica; parcialidade marcante; fanatismo, cegueira: *Galileu foi vítima da paixão de seus algozes.* 10. O martírio de Cristo e dos santos. 11. A parte do Evangelho que trata do martírio de Cristo. [Nessas duas últimas acepç. Escreve-se com maiúscula.] 12. A expressão de sensibilidade ou entusiasmo do artista que se manifesta numa obra de arte; calor, emoção: *Portinari tem afrescos cheios de paixão; A Iracema, de Alencar, é obra de grande paixão.* 13. *Mús.* Gênero de cantata ou oratório religioso cujo tema são os acontecimentos que precederam e acompanharam a morte de Cristo, tal como se acham descritos nos quatro Evangelhos. 14. *Teat.* Composição dramática baseada na vida de Cristo.

Nota-se que o *Aurélio* é mais recheado de exemplos e citações. Em *painel*, há menos trabalho de definição – há uma remissão para o verbete *quadro* - do que remissão a exemplo literário: uma citação de Eça de Queirós. O *Michaelis*, por sua vez, não apresenta nenhum exemplo, seja literário, seja de outra natureza. Em compensação, traz mais marcações de uso especializado (*arquitetura, escultura, náutica, informática, eletrônica*). Observem-se os diferentes lugares atribuídos às locuções idiomáticas e às colocações. No *Aurélio*, as locuções aparecem como exemplos, logo após algumas das definições da entrada principal: *painel fotográfico, pai-*

nel de mosaico, o painel de um avião, etc. No *Michaelis*, aparecem como sub-entradas, que precedem as definições: *painel das almas*, *painel de controle*, *painel de ligações* etc. Assim, elas são tratadas neste último como nomenclatura e não como exemplos; a nomenclatura ganha em extensão e o corpo de exemplos é reduzido. Note-se ainda que o *Aurélio* traz exemplos elaborados, como *O painel dos automóveis está localizado abaixo do pára-brisa*; *A Dolce Vita, de Fellini, é um painel de mortandade*. Quanto a estes, percebe-se que eles apresentam uma feição explicativa, didática. Vê-se, por fim, que o *Michaelis* realiza uma atualização dos sentidos. Ele traz mais acepções, incluindo, por exemplo, as significações de painel de reunião e as do campo da informática, ausentes no *Aurélio*.

No verbete *paixão*, novamente o *Aurélio* traz vários exemplos. Enquanto isso, o *Michaelis* não traz nenhum e apresenta definições mais concisas. Desta vez, o *Aurélio* traz somente exemplos elaborados; e quando a literatura entra, ela aparece não na forma de citação, mas na de exemplo didático, modelar: *A paixão entre Romeu e Julieta nasceu de um rápido encontro*; *Ana Amélia foi a grande paixão de Gonçalves Dias*; *A Iracema, de Alencar, é obra de grande paixão* etc. Forma-se assim uma galeria de autores e obras, não só da literatura, das artes, como também das ciências (*Galileu foi vítima da paixão de seus algozes*). Os exemplos mostram assim uma função edificante, organizando personagens, autores e obras clássicas em enunciados modelares, normativos, às vezes morais (*A paixão pela filha impedia-o de ver as boas qualidades do futuro genro*). Percebe-se ainda que o *Aurélio* traz nesse verbete significações ausentes no *Michaelis*, no campo das artes, música e teatro (ver acepções 12, 13 e 14). Assim, considerando os dois verbetes analisados, pode-se dizer que o *Aurélio* formula através dos exemplos um discurso literário e de edificação cultural e moral, enquanto o *Michaelis* apresenta um discurso que privilegia as ciências através das marcações de uso especializado, da fraseologia objetivizada e da restrição dos exemplos literários.

Em uma reportagem da revista *Veja* (29 de abril de 1998), afirma-se que o dicionário recém-lançado da Melhoramentos é “politicamente correto”, já que não registra acepções pejorativas de determinadas palavras. O *Michaelis* não apresenta, por exemplo, uma das acepções que o *Aurélio* traz para *judeu*: “indivíduo mau, avarento, usurário”. De fato, percebemos que em alguns casos não se incluem sentidos pejorativos. Isso se nota, por exemplo, nas significações relativas ao termo *prostituta*. O *Aurélio* remete

esse termo a *meretriz* e lá arrola dezenas de sinônimos depreciativos. Enquanto isso, o *Michaelis* cita apenas dois sinônimos. Assim, evitam-se por vezes os sentidos pejorativos. No entanto, não se deixa outras vezes de incluí-los, como em *negro*, onde uma das acepções do substantivo é “indivíduo da raça negra”, a qual remete para o adjetivo *negro*, no qual temos, além de “que recebe a luz e não a reflete; preto”, uma carregada lista de acepções negativas: “denegrado”, “ameaçador, medonho”, “condenado, maldito”, “horrendo, pavoroso”, “pervertido”, “execrável, nefando, odioso”, entre outros. Nos verbetes *homem* e *mulher* pode-se notar uma assimetria, de modo que no último há muito mais sentidos pejorativos. Encontram-se aí paralelismos do tipo *homem de rua* = homem comum/*mulher da rua* = meretriz. Encontra-se inclusive a expressão *mulher macho*, utilizada como exemplo na reportagem da Veja. Nesta, constatava-se que, no verbete *paraíba*, o *Aurélio* inclui essa expressão e o *Michaelis* não. Mas vemos que ela aparece neste último no verbete *mulher*. Assim, não parece que haja sistematicidade no corte dos termos pejorativos. Nenhum comentário a esse respeito é feito na apresentação e o exame de alguns verbetes nos mostra que em alguns casos essa afirmação não é válida. Essa questão, a nosso ver, opõe duas imagens de língua. De um lado, a língua incorreta, impura, deturpada por discursos negativistas e moralistas; de outro, o ideal da língua pura, correta, asseptizada, sem falhas e sem sentidos pejorativos. Procuramos aqui considerar o modo como essas imagens estão em jogo na história da lexicografia brasileira. Esta é marcada pela inclusão de sentidos pejorativos no campo social. No final do século passado, quando apareceram os dicionários de brasileirismos e começaram-se a definir termos referentes à sociedade brasileira, foi introduzida uma série de sentidos pejorativos, como no dicionário de Macedo Soares (*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*). Lá o termo *bugre* é definido assim: “sm., 1º. índio brasil, índio brabo, indígena no estado primitivo. 2º. índio manso, já domesticado, aldeiado. 3º. selvagem, grosseiro, estúpido, pérfido, desconfiado”. E bahiano inclui as significações “homem de aparências enganadoras, falta de sinceridade, que diz uma coisa na presença e outra por detrás”, “mau cavaleiro”, “bairristas”. Sabe-se que os dicionários são elaborados uns a partir de outros e que é comum a cópia, com ou sem alterações, dos verbetes. Assim, esse discurso passa em grande medida para os dicionários atuais. Apesar de o *Michaelis*, mais do que o *Aurélio*, realizar alguns deslocamentos de sentido, percebe-se que a historicidade desse discurso conti-

nua atravessando os dicionários brasileiros.

Por fim, gostaria de acrescentar que esta edição do Michaelis, colocando-se lado a lado com o Aurélio, aparece como uma alteridade lingüística. Ela faz com que fiquem visíveis diferenças de sentido, de formas de exemplificação, de organização dos verbetes, enfim, diferentes projetos de dicionário. Isto só pode ser proveitoso para a lexicografia brasileira, sobretudo se consideramos a importância da variação das formas lexicográficas. Essa variação se produz no sujeito lexicógrafo pelo desejo lingüístico. Vimos um Aurélio sedento de literatura, de exemplos didáticos e morais e de uma pequena dose de enciclopedismo; e um Michaelis simpatizante das ciências, abundante na nomenclatura, amante do valor de uso, parcimonioso nos exemplos e conciso nas definições.

Notas

1 DIAS, Luiz Francisco. Os sentidos do idioma nacional, Pontes, Campinas, 1998.

2 MONTELLO, Josué. Introdução ao *Dicionário da Língua Portuguesa*, Bloch Editores, Rio de Janeiro, 1988.

